

TEATRO

“Miles Gloriosus” e “Olimpia”

O que mais impressiona no “Stabile di Torino” é a seriedade e o esmero com que foram elaborados o seu repertório. Assim, mais do que uma simples excursão teatral, realiza o excelente conjunto italiano uma viagem de missão cultural, aos países sul-americanos. Parece superfluo discutir se a orientação está certa ou errada, se convém mais apresentar peças do sabor do grande público ou textos que representem a expressão maior, ou mais significativa, da cultura italiana. É muito difícil, senão impossível, conciliar o gosto do grande público com obras altamente representativas da dramaturgia de um país. O “Stabile di Torino” opta por aquilo que lhe parece espelhar o “sentimento popular italiano através dos tempos” transmitindo por obras-primas. De sorte que, mais do que uma série de espetáculos, uma breve temporada, o “Stabile di Torino” nos ministra um pequenino curso de dramaturgia italiana. Pequeno na duração, mas notável e importante no que diz respeito ao seu conteúdo e à sua significação.

“O Soldado fanfarrão” (Miles Gloriosus) e “Olimpia” nos fazem saltar de dois séculos A. C. para a Renascença, vindo ao mesmo tempo dois expoentes da comédia italiana de suas épocas: Plauto e Della Porta.

Em ambos os textos, sem embargo de suas distinções, flui o mesmo tema, o amor, tratado de maneira diversa. Em Plauto, o amor é natureza, instinto, sensualidade, carne. Em Della Porta, transforma-se em sentimento nobre, é romântico, cheio da espiritualidade com que o revestiu a atmosfera moralizante da contra-reforma da igreja católica. Além disso, no tocante à arte da encenação e ao espírito, ambos nos mostram também relação íntima entre as máscaras da Roma antiga e os artistas da “comédia dell’arte” da Renascença.

Versando na comédia grega, Plauto tomou emprestado, principalmente de Menandro, enredos, personagens e a forma do diálogo. Arguto e receptivo às reações do público romano, ao qual o requinte de Menandro não agradaria, enveredou Plauto pela farsa atelana, tão do gosto do povo de Roma. O seu poder inventivo transparece nitidamente na complexidade dos enredos, não obstante possam ser reduzidos, na essência, a poucas linhas. Em “O soldado fanfarrão” tudo depende das doideiras de Pírgopolinice que, com suas estranhas juras, é derrotado nos seus amores e é pobre de espírito.

Pírgopolinice, o soldado fanfarrão, e Filocomasia, a jovem amorosa, reaparecem em Della Porta com os nomes de Trasilogo e Olimpia. De nitida inspi-

ração plautina, também o enredo é cheio de incidentes e situações que tornam a comédia aparentemente complicada, pois na verdade é simples e facilmente inteligível.

Giovani Poli, o diretor responsável por esse segundo espetáculo do “Stabile di Torino”, é encenador de excepcionais qualidades. A movimentação dos atores, os lindos efeitos de luz, os desenhos cênicos, tudo isso revela um profissional exímio. O momento de abertura de “Miles Gloriosus” é um quadro plástico e pictórico de impressionante beleza, sugerindo pintura de grande artista da Renascença. As figuras estáticas se movimentam, o quadro se desfaz, inicia-se a movimentação, começa a representação. Esse momento não teria sido possível sem a contribuição valiosa de Eugenio Guglielminetti, autor do belo cenário e dos figurinos. Talvez se estranhem os tecidos com que foram confeccionados os trajes. Supomos, pois somente autoridade italiana em “costumística” poderia dizer-nos se é assim ou não, se o intuito do figurinista foi manter-se fiel ao estilo romano.

Cada espetáculo do “Stabile di Torino” confirma a norma (nem sempre compreendida, não aceita, ou impossível de ser obedecida) que a representação dramática não pode jamais atingir nível artístico sem um conjunto extraordinariamente homogêneo. Na interpretação das comédias de Plauto e Della Porta é praticamente impossível distinguir este ou aquele ator. Os que desempenham os principais papéis são naturalmente aqueles para os quais se volta a atenção do espectador. Mas à medida que a representação transcorre, nos convencemos de que os atores que desempenham papéis menores ou secundários não são inferiores aos demais.

É pena que espetáculos de alta classe, como os do “Stabile di Torino”, sejam assistidos por diminuto público. É incompreensível, principalmente quando se considera que vive aqui numerosa colônia italiana e existem milhares e milhares de brasileiros descendentes de italianos. Estaremos atravessando, também, uma crise no teatro?

Enfim, oportunidades para assistir a uma temporada como a do “Stabile di Torino” são raras. Costumam acontecer apenas uma vez por ano.